

LIVROS



## Roberto visto bem de perto

AO COMPLETAR 80 ANOS, O CANTOR QUE MOLDOU A MÚSICA POP BRASILEIRA A PARTIR DOS ANOS 1960 É EXAMINADO EM DUAS BIOGRAFIAS E UM ENSAIO

**R**oberto Carlos chega aos 80 anos, neste 19 de abril, examinado sob lentes de contato. Depois de anos de triunfo como censor de obras literárias que o tomassem como personagem e da derrota final no Supremo Tribunal Federal, em 2015, ele está sob escrutínio de ao menos três autores, entre eles o historiador Paulo Cesar de Araújo, autor de *Roberto Carlos em Detalhes*, interdito pela Justiça e recolhido das livrarias em 2006. Ainda cercado de segredo, *Roberto Carlos Outra Vez*, terceiro livro de Araújo sobre o cantor, deve biografar o artista mais uma vez, em dois volumes de mais de 500 páginas cada.

Outra biografia, essa disponível, foi escrita por um dos editores deste **Plural**, o jornalista Jotabê Medeiros, autor também de *Belchior - Apenas um Rapaz*

*Latino-Americano* (2017) e *Raul Seixas - Não Diga Que a Canção Está Perdida* (2019). Com 512 páginas, *Roberto Carlos - Por Isso Essa Voz Tamanha* investiga, com minúcias e em tom de reportagem, sobretudo as origens do músico capixaba e a primeira década de atividade artística, nos anos 1960, quando despontou como roqueiro plácido e "rei do iê-iê-iê", futuramente apenas "rei" de um país que aboliu a monarquia em 1889. O trabalho dá destaque ao fundo classista do conflito que incendiou a música brasileira na década de 1960, de um lado os jovem-guardistas de origem suburbana

**ROBERTO CARLOS - POR ISSO ESSA VOZ TAMANHA.**

De Jotabê Medeiros. Todavia, 512 págs., 85 reais.

**QUEREM ACABAR COMIGO.**

De Tito Guedes. Máquina de Livros, 144 págs., 42 reais.

e educação formal precária, do outro os inventores da chamada MPB, universitários e herdeiros estéticos da elitizada bossa nova. O autor credita a Roberto a emancipação do *rock* nacional, contra a dependência das versões de canções estrangeiras que dominavam até ali a cena *pop* devotada à juventude.

"A música da igreja preta começava a dar lugar à música da igreja branca", escreve Medeiros, interpretando a conversão de Roberto na fase 1967-1970, da influência mundana da *black music* ao romantismo agudo e à religiosidade católica, hegemônicas de 1971 em diante. O autor revela menor simpatia por esse Roberto Carlos, digamos, adulto, e passa pelos anos 1970 com alguma pressa (e com alguns parágrafos aparentemente embaralhados). Ganha relevo a leitura crítica das atitudes extramusicais conservadoras adotadas cada vez mais pelo artista desenvolvido à sombra do poderio dos militares e da Rede Globo. "Essa coisinha ré-ré-ré, humilde, do Roberto Carlos, não é sincera. Ele não tem pudor em exercer o poder", avalia o editor do livro *O Rei e Eu*, escrito por um ex-mordomo do "rei" e censurado a pedido do artista em 1978.

Um trabalho de certo modo complementar ao biográfico é cumprido pelo jovem pesquisador Tito Guedes em *Querem Acabar Comigo*, que aborda a obra de Roberto à luz do modo como a crítica musical tem reagido a ele ao longo das décadas. Guedes demonstra a repetição nos textos que criticam a repetição nos discos do critica-

do. Demarca também o efeito manada exibido pelos jornalistas, que variaram suas apreciações sempre moldados pelas variações de opiniões de colegas emepistas sobre Roberto, com Caetano Veloso sempre à frente das oscilações. - Pedro Alexandre Sanches

REDES SOCIAIS: ANA VIOTTI/MUSICBOX LISBOA E @ROBERTOCARLOSOFICIAL